

## MEMÓRIA

### AZIZ NACIB AB'SABER E A PAISAGEM (1924-2012)

ADILSON AVANSI DE ABREU

PROFESSOR TITULAR DO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA



A obra científica e acadêmica do Prof. Aziz centrou-se no desvendamento da paisagem brasileira. A compreensão da paisagem e do complexo de fatos espaciais e temporais que a originaram foi o *leit motiv* de sua atuação como pesquisador e professor.

O interesse por essa temática surgiu logo após ingressar na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, no Departamento de Geografia, onde a figura do Prof. Pierre Mombeig era central e conceituava a paisagem, como o objeto da Geografia.

*“O Prof. Monbeig, meu grande inspirador – tenho inclusive um trabalho sobre ele – era muito bom observador... Foi o começo da vida de geógrafo: ler e interpretar a paisagem, ter noção da sequência dos cenários de um determinado espaço passou a ser uma constante em minha vida”.*

Esta frase do Prof. Aziz aparece em um dos trabalhos fundamentais para se conhecer sua obra e vida, publicado em 2007: *“O que é ser geógrafo” (Memórias profissionais de Aziz Nacib Ab'Saber em depoimento à Cynara Menezes)*, Rio de Janeiro, Record.

Outra referência de grande relevância, inclusive pela maneira com que foi concebida, é *“A obra de Aziz Nacib Ab'Saber”*, organizada por May Christine Modenesi – Gautieri et alii, publicada pela editora Beca-Ball, em 2010.

São duas referências complementares, a primeira com 168 páginas e estilo autobiográfico – memorialístico; a segunda com 582 páginas, ilumina detalhadamente os principais temas da obra do Prof. Aziz.

Em *“A obra de Aziz Nacib Ab'Saber”* o texto é aberto por uma súpula biográfica, que aborda desde sua origem familiar, passando pela formação acadêmica, o desenvolvimento de suas atividades profissionais, as influências sofridas em sua trajetória, com destaque para os principais temas de sua produção científica, sua atuação no planejamento territorial e nas questões nacionais, encerrando com os cargos ocupados.

A essa súpula seguem-se 30 capítulos, escritos por autores convidados que escolheram obras do Prof. Aziz para releitura e reflexão crítica. Em cada capítulo, além do texto autoral, é reproduzido também o trabalho analisado. Os três capítulos iniciais fogem parcialmente a esta estrutura. O livro é acompanhado de um DVD com praticamente toda a obra do Prof. Aziz, perfazendo em torno de 400 referências.

Na sequência dos capítulos dessa obra surgem os temas abordados pelo Prof. Aziz nos trabalhos referenciados: cavidades pedocársticas; fisiologia da paisagem; organização natural das paisagens e domínios morfoclimáticos; rochas glaciais e subglaciais dos arredores de Itú; regiões de circundesnudação pós-cretácea no Planalto Brasileiro; a linha de queda

**EXPEDIENTE**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**REITOR:**

Prof. Dr. João Grandino Rodas

**VICE-REITOR:**

Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

FACULDADE DE FILOSOFIA,  
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**DIRETORA:**

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

**VICE-DIRETOR:**

Prof. Dr. Modesto Florenzano

**COMITÊ EDITORIAL DO INFORME:**

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini (DTLLC), Prof. Dr. Modesto Florenzano (DH), Prof. Dr. Cicero Romão Resende de Araújo (DCP), Prof. Dr. Moacyr Ayres Novaes Filho (DF), Prof. Dr. João Roberto Gomes de Faria (DLCV) e Sra. Eliana Bento da Silva Amatuzy Barros (Membro Assessor).

**SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL****COORDENAÇÃO:**

Dorli Hiroko Yamaoka - MTb. 35815

Eliana Bento da Silva Amatuzy Barros - MTb. 35814

**REVISÃO:**

Wiviane Ribeiro do Carmo

**TÉCNICO DE LABORATÓRIO:**

Renan Braz Martins

**SECRETÁRIA:**

Neusa Bispo de Oliveira

**IMPRESSÃO E ACABAMENTO:** Gráfica da FFLCH**TIRAGEM:** 700 exemplares

# Sumário

**MEMÓRIA**Aziz Nacib Ab'Saber e a Paisagem (1924-2012) ..... 1  
Adilson Avansi de Abreu

Evento homenageia professora e historiadora

Eni de Mesquita Samara (1948-2011) ..... 4  
Por Paulo Roberto AndradeEvento lembra os 100 anos do professor e sociólogo Azis Simão ..... 6  
Por Paulo Roberto AndradeMemória FFLCH ..... 7  
José de Souza Martins  
Professor Emérito do Departamento de SociologiaUma vida pelo conhecimento: Nelly Novaes Coelho ..... 8  
Por Juliana PennaCentros Acadêmicos  
Por Luis Ricardo Bérghamo ..... 9As lições da Greve de 2002 ..... 10  
Renato Soares Bastos**PREMIAÇÃO**Professoras da FFLCH recebem homenagem pelo Dia da Mulher .. 12  
Por Paulo Roberto AndradeAna Fani Alessandri Carlos ganha Prêmio  
Internacional de Geocrítica 2012 ..... 13  
Por Juliana Penna**EVENTOS**USP discute a conferência Rio + 20 ..... 15  
Por Luis Ricardo BérghamoCátedra de Estudos Irlandeses abre atividades acadêmicas com  
exposição ..... 16  
Por Luis Ricardo BérghamoI Seminário Arquivo Virtual Histórias Migrantes:  
um mosaico da nacionalidade e múltiplas culturas ..... 18  
Maria Luiza Tucci CarneiroEncontro de Centros da FFLCH visa maior contato e  
divulgação de pesquisas da Faculdade ..... 20  
Por Paulo Roberto Andrade**ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO**

Relatório de Obras nos Prédios da FFLCH ..... 20

FUNCIONÁRIO ..... 21

PRODUÇÃO CIENTÍFICA ..... 22

apalachiana paulista; a paisagem urbana de Manaus; geomorfologia e geomorfogênese do litoral paulista; crítica na geomorfologia; anomalias de drenagem: a captura fluvial das cabeceiras do rio Tietê pelo Paraíba do Sul; geomorfologia de sítios urbanos; cascalheiras, pedimentos e paleoclimas; “stone-lines” do Brasil Oriental; classificação do relevo brasileiro, domínios morfoclimáticos e províncias fitogeográficas do Brasil; superfícies aplainadas e paisagens; áreas de circundesnudação pós-cretácicas na Bacia do Paraná; geomorfologia e quaternário – relações conceituais; mamelonização e pedimentação; espaços de climas secos na América do Sul durante os períodos glaciais do Quaternário; geografia, paisagem e espaço organizado; fundamentos geográficos da História do Brasil; tratamento paisagístico de áreas de barragens fluviais; problemática da desertificação e savanização no Brasil intertropical; geomorfologia e espeleologia; os pediplanos e os pantanais; teoria dos redutos e dos refúgios; imagens de satélites e conhecimento; flutuações climáticas e mudanças ecológicas; zoneamento ecológico e econômico da Amazônia; caatingas, sertões e sertanejos; Projeto Floram – desenvolvimento sustentável e silvicultura; dunas do Jalapão; paisagem insólita; o paleo-deserto de Xique-Xique.

Esta relação de temas não esgota os estudos do Prof. Aziz, apenas dá uma idéia de sua complexidade e vastidão. Seu papel na organização das pesquisas geográficas e na própria estruturação das pesquisas geográficas no Departamento de Geografia da FFLCH e no Instituto de Geografia da USP foi notável, tendo sua ação científica se estendido a todo o país e se tornando também, referência no exterior. Seu mister como mestre e cientista renovou de forma decisiva a Geografia, a Geomorfologia e as ciências ambientais no Brasil.

Em 1941 ingressou no curso de Geografia e História da FFCL, tendo se licenciado e bacharelado em 1944. Sua atuação no campo da pesquisa e docência iniciou-se logo após a graduação, tendo sido contratado como prático dos laboratórios dos Departamentos de Geologia da FFCL (1946-1948) e de Geografia (1947-1957), recebendo uma remuneração modesta, embora essa fosse a única oportunidade de manter sua ligação com a Faculdade de Filosofia, que não dispunha de recursos para ampliar seu quadro de docentes. Atuou também como docente de Faculdades particulares e públicas em São Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul.

Em 1956 defende sua tese de doutorado intitulada “*Geomorfologia do Sítio Urbano de São Paulo*”, na qual consolida uma visão já mais processual que o modelo davisiano de geomorfologia. Em 1965, em sua tese de livre-docência “*Da participação das depressões periféricas e superfícies aplainadas na compartimentação do Planalto Brasileiro*” ele já trabalha com método próprio, que será formalizado com rigor e clareza no terceiro item da introdução de sua tese de cátedra, defendida em 1968, intitulada “*Bases geomorfológicas para o estudo do Quaternário em São Paulo*”. O texto deste capítulo foi publicado na série *Geomorfologia do Instituto de Geografia da USP* com o nº 18 e é, até hoje, a mais importante contribuição conceitual e metodológica no campo da geomorfologia produzida no Brasil. Serviu de base conceitual e operacional para um grande número de trabalhos teóricos e aplicados, não só no campo da geomorfologia, mas também em inúmeras pesquisas voltadas, de maneira mais abrangente, para a paisagem, do ponto de vista teórico e prático.

A releitura deste texto guia até hoje os que se ocupam com a paisagem em seus diferentes momentos processuais: desde as relativamente pouco alteradas pelo homem até as profundamente transformadas por sua ação economizante e social, que em países com estrutura econômica injusta como o Brasil implica em fragilidades e riscos ambientais e sociais.

Aí repousa a geograficidade de sua obra em todos os temas que aborda, particularmente os relacionados aos desequilíbrios ambientais em suas diferentes formas de ocorrências nas cidades e nos campos.

No Departamento de Geografia introduziu novas metodologias e novas técnicas de pesquisa, entre as quais merece destaque o uso das fotografias aéreas, responsabilizando-se pela criação do arquivo de Fotografias Aéreas, do Laboratório de Aerofotografia e do Laboratório de Geomorfologia e Pedologia. Seu papel na organização da infraestrutura de pesquisa junto ao Departamento de Geografia e do Instituto de Geografia, criado no início dos anos 60, ampliou-se, interessando também ao Departamento de História e Instituto de Estudos Brasileiros, com a criação do Centro de Documentação Histórica.

Dentro dos laboratórios do DG, de início, e nos do Instituto de Geografia, depois, o Professor Aziz atendeu centenas de alunos e profissionais que o procuravam, iniciando-os no campo da utilização das

fotografias aéreas e da investigação geomorfológica. Muito relevante foi seu papel na implantação do curso de pós-graduação na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP na fase inicial do sistema que, aprimorado posteriormente, é reputado de excelente qualidade. No caso da pós-graduação em Geografia sua atuação foi decisiva. Orientou inúmeras dissertações de mestrado e teses de doutorado.

O professor Aziz exerceu muito raramente a chefia do DG, porém notabilizou-se como Diretor do Instituto de Geografia, unidade administrativamente pequena, mas de papel relevante no apoio a execução da pesquisa no âmbito da Universidade.

No Instituto de Geografia Aziz Nacib Ab'Saber caracterizou-se pela qualidade de editor de um número elevado de publicações e marcou um período editorial no campo da Geografia, na Universidade de São Paulo, que não encontrou paralelo em nenhuma fase posterior. Das diversas séries e revistas editadas pelo Instituto de Geografia devem-se destacar as Séries Geomorfologia e Climatologia, que renovaram os métodos e as técnicas de investigação no campo destas disciplinas e continuam, ainda hoje, servindo de base metodológica para os principais

projetos de pesquisa com vistas a obtenção dos títulos de Mestre e Doutor.

Aposentou-se em 1982, embora tenha continuado muito ativo e atuante, mantendo ainda fortes laços com a Universidade através do Instituto de Estudos Avançados, onde, voluntariamente, passou a atuar em temáticas que associam a Geografia às Ciências Ambientais. É também nesta fase que passa a ter atuação relevante na SBPC.

Nasceu no dia 24 de outubro de 1924 em São Luiz do Paraitinga, de troncos libaneses e paulistas e faleceu no dia 16 de março de 2012 em São Paulo. Era professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Foi presidente da SBPC e do CONDEPHAAT, onde, pioneiramente, introduziu o tombamento de paisagens. Recebeu inúmeros prêmios nacionais e internacionais entre os quais merecem destaque a Palma Acadêmica do governo francês, o Prêmio Internacional de Ecologia e o Prêmio UNESCO para Ciência e Meio Ambiente, a Grã Cruz em Ciências da Terra pela Ordem Nacional do Mérito Científico. Era Professor Honorário do Instituto de Estudos Avançados da USP, Membro Honorário da Sociedade de Arqueologia Brasileira e Presidente de Honra da SBPC.

## EVENTO HOMENAGEIA PROFESSORA E HISTORIADORA ENI DE MESQUITA SAMARA (1948-2011)

POR PAULO ROBERTO ANDRADE



Uma pessoa corajosa, alegre, de presença marcante. Sempre com um novo projeto para ser apresentado e desenvolvido. Pioneira em estudos de história demográfica e econômica, e uma das maiores pesquisadoras brasileiras em história da família e da mulher. Essas são algumas características da professora e historiadora Eni de

Mesquita Samara, descritas por seus colegas professores do Departamento de História da FFLCH. Falecida em agosto de 2011, a professora foi homenageada no último dia 13 de abril, em evento no anfiteatro do prédio de História.

Logo na abertura, o professor Modesto Florenzano, vice-diretor da FFLCH, destacou a importante contribuição da professora Eni para o Departamento de História ao qual serviu por 40 anos, para a FFLCH como Vice-Diretora e para a USP como Diretora do Museu Paulista. Em seguida, a professora Sara Albieri, chefe do Departamento de História, falou que o evento marcava o início de uma série de celebrações aos profes-

sores aposentados que ajudaram a formar a chamada *Escola Usipiana de História*. E lamentou o fato de a primeira homenagem ser póstuma.

#### TRABALHOS PIONEIROS

Na sequência, os professores Rodrigo Ricupero e Horácio Gutiérrez discorreram sobre a importância da obra da professora Eni, destacando seu trabalho de mestrado, que deu início a suas pesquisas em temas relacionados à sociedade brasileira escravagista e, posteriormente, história da família e o papel da mulher nos séculos XVI a XIX.

A respeito desse trabalho de mestrado e início de carreira, a professora Vera Ferlini destacou em leitura de texto de sua própria autoria: “Desde 1971, instrutora voluntária dos cursos de História do Brasil Colonial; em 1977, por concurso público, tornou-se professora do Departamento de História da FFLCH-USP. Havia defendido, em 1975, um primoroso mestrado, *O papel do agregado na região de Itu (1780-1830)*, que se tornaria obra de referência no estudo do papel das populações livres em economias escravistas”.

O professor Gutiérrez ressaltou a coragem da professora ao ser pioneira no estudo de história demográfica e econômica no Brasil, pesquisando história das populações e evolução das estruturas demográficas brasileiras, e tornando essa uma área importante dentro da pesquisa em história no Brasil.

Sobre o pioneirismo, a professora Raquel Glezer lembrou: “Eni sempre foi uma pessoa especial e corajosa: pesquisou Demografia Histórica quando o campo era pouco conhecido no país; desenvolveu os estudos de família e de gênero e abriu caminho para os estudos de sexualidade – mesmo caminhando na contramão do consensual e conhecido; ampliou relações acadêmicas entre pesquisadores de países latino-americanos quando o isolamento e o olhar para a Europa era a norma; criou grupos de pesquisa em oposição ao individualismo exacerbado do mundo acadêmico dos historiadores; organizou um centro de documentação de demografia histórica doando seus materiais de pesquisa para que outros pesquisadores não precisassem refazer o mesmo trajeto. A mesma coragem com que lutou por sua vida”.

A professora Esmeralda de Moura se emocionou ao lembrar da convivência com a professora Eni, e do orgulho em contribuir com as pesquisas sobre história das mulheres e a família na sociedade colonial paulistana e brasileira. Tais estudos ajudaram a mostrar uma estrutura familiar que foge do estereótipo tradicional do marido dominador e da mulher submissa, mostrando mulheres, principalmente nas camadas mais baixas da sociedade, que lutam por seus direitos, trabalhando e chefiando famílias.

#### VIAGENS E HISTÓRIAS

As professoras Raquel Glezer e Vera Ferlini, concentraram suas exposições em passagens e experiências pessoais que tiveram com Eni. A professora Vera, entre risos e lágrimas, relembrou algumas viagens com a professora, como o caminho de Santiago de Compostela (feito de carro!), e da chegada a Madri, onde tiveram as três que dormir numa dispenza improvisada como quarto no Hotel Ritz.

Relembrou também outra viagem, quando Eni teve a bolsa furtada num restaurante em Londres, no dia do seu aniversário. E a época do diagnóstico da doença, quando os colegas e ela própria acreditaram na recuperação e dispensaram uma homenagem em vida. “Por isso, Eni continuou pesquisando, trabalhando e vivendo”, recordou a professora Vera.

A professora Raquel recordou da presença da professora na FFLCH: “Teve uma brilhante atuação como docente e pesquisadora, deixando sua marca nos estudos históricos brasileiros, mas destacar qualquer um dos aspectos citados acima não nos consolará da ausência da figura humana, alegre, generosa e corajosa”.

“Vê-la nos corredores do Departamento sempre nos animava: sua figura se destacava no espaço meio vazio e meio deprimente do corredor das salas dos professores. Estava, cada vez que a encontrava, com um novo projeto para apresentar, para discutir, para desenvolver e publicar”, completou a professora.

Os textos lidos pelas professoras Raquel Glezer e Vera Ferlini, foram publicados no volume 6 da Revista Cultura e Extensão USP, em outubro de 2011.

Link: <http://www.prceu.usp.br/revistausp6.pdf>

## EVENTO LEMBRA OS 100 ANOS DO PROFESSOR E SOCIÓLOGO AZIS SIMÃO

POR PAULO ROBERTO ANDRADE



Aconteceu, na quinta-feira (3/5), no Centro Universitário Maria Antonia, uma homenagem ao sociólogo e professor da FFLCH Azis Simão, que completaria 100 anos no último dia 1º de maio. Além da presença de familiares, amigos e professores, o evento contou com uma mesa-

redonda composta pelos professores Antonio Candido de Mello e Souza, Maria Arminda do Nascimento Arruda, Heloísa Helena Teixeira de Souza Martins, todos da FFLCH, e José Sérgio Leite Lopes, da UFRJ. Ao fim da cerimônia, foi lançada a edição comemorativa do livro “Sindicato e Estado e outros escritos”, pela Hucitec Editora.

### PROFESSOR COMO FORMADOR

A professora Maria Arminda foi orientanda do professor Azis Simão e falou sobre seus primeiros passos dentro da USP. Aos 17 anos, recém-chegada do Rio de Janeiro, ela lembrou a primeira vez que viu o professor, no anfiteatro do prédio de História, durante uma assembleia em que se discutia a situação política do Brasil. Estavam presentes professores e alunos inconformados com a ditadura militar. Ela, aluna do primeiro ano, se impressionou com a autoridade de um senhor de cabelos brancos esbravejando com o auditório inteiro que tentava impedir um professor de defender suas opiniões: “Fiquem quietos! Ninguém tem o direito de caçar a palavra de ninguém!”, dizia o professor Azis ao auditório que se calou para escutar os discursos.

Anos depois, já como orientanda do professor, Maria Arminda recorda sua decisão de mudar o tema de sua tese de doutorado após anos de pesquisa. O professor Azis não se opôs à mudança: “ele teve respeito por mim e falou que a vida acadêmica precisa de paixão. Ele disse ‘volte para casa e pense em algo que você goste’. Então fiz minha tese sobre literatura”, lembrou a professora.

A professora considera o professor Azis um mestre formador, e ressalta uma qualidade que o pró-

prio definia como *dignidade da função*. “Ser professor implica em ter respeito mútuo perante a sala de aula. O professor é um formador de cidadania, caráter e ética. Sua presença tem que ser exemplo para seus alunos. E eu sigo isso, não entro na sala de aula de qualquer jeito, sempre penso na dignidade da profissão. E o professor Simão me ensinou isso: ser professor não é profissão, mas uma atividade de formação”, explicou a professora.

### O AMIGO ANTONIO CANDIDO

Já o Professor Emérito Antonio Candido de Mello e Souza falou de sua amizade e do lado humano do professor: “Conheci o Azis na Faculdade, em 1939, e foi um caso de amizade à primeira vista. Ele falava muito bem francês, numa época em que todas as aulas eram dadas em francês”, contou.

O professor lembra que Azis tinha muito bom humor e um senso de ridículo muito apurado. Também era um “ser extremamente politizado”. Suas convicções anarquistas lhe resguardaram um senso de liberdade muito grande, que levou por toda a vida. Em seus estudos, tanto Azis quanto Antonio Candido buscavam um marxismo que se adaptasse à realidade brasileira e, diferente de outros grupos, não apoiavam os modelos de socialismo mundo afora, como o soviético. “Acreditávamos que a democracia estava acima de qualquer alinhamento político. Era uma conquista humana que nunca poderia ser perdida”, afirmou.

Por conta da deficiência visual, Azis Simão cursou a faculdade de Ciências Sociais tardiamente, quando o professor Candido já era docente. Ele conta que Azis tinha uma grande capacidade de análise política. Examinava os assuntos com muita profundidade de conhecimento. “Ensinava os colegas de classe, que liam os conteúdos para ele e recebiam de volta análises sobre os textos. Ele foi um achado que os colegas encontraram”, recordou o professor.

Com a ajuda da esposa Nena, Azis via o mundo e coisas que muitos não enxergavam. O professor Candido lembra o fato de Azis não ter gostado da cor creme da catedral de Notre Dame, numa viagem à França, e das críticas ao *Guerra e Paz*, de Portinari. “Era um sábio brincalhão, muito politizado. Para defini-lo

numa frase diria: era uma coisa rara, era um homem verdadeiramente humano”, completou o professor.

#### OBRAS DE REFERÊNCIA E PAIXÃO

O professor e antropólogo José Sergio Lopes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), apesar de não ter tido amizade pessoalmente com o professor Azis, falou da importância de seus trabalhos para a sociologia no Brasil. Ele define seus estudos como atemporais, que podem ser apreciados hoje pelas novas gerações. E que sua trajetória como mestre e pessoa deve ser preservada e propagada como documento histórico para estudos posteriores.

A professora Heloísa Helena Teixeira de Souza Martins também falou sobre a importância da paixão por aquilo que se faz, e o quanto é importante estar envolvido com o tema. Isso lhe serviu bastante no início de sua vida profissional no Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). “Aprendi a pensar como cientista, com paixão e envolvimento”, completou.

Por fim, a filha Livia Simão, professora do Instituto de Psicologia da USP (IPUSP), agradeceu a presença de todos, encerrando o evento.

#### HISTÓRICO

Azis Simão nasceu em Bragança Paulista, em 1º

de maio de 1912. Filho de comerciantes libaneses, passou a infância no interior entre o campo e a cidade. Na adolescência, mudou-se para São Paulo com a família. Devido a um problema de visão, deixou os estudos por um tempo por recomendação médica, passando a trabalhar como comerciante.

Nessa época (1928), passou a trabalhar com jornalismo, tendo contato com o movimento operário; e começou a se interessar por literatura, filosofia e questões sociais. Manteve contato com escritores e artistas modernistas, militantes de esquerda e operários. Mais tarde, cursou a faculdade de Farmácia por ser o curso no qual poderia ter algum contato com filosofia e ciências humanas.

Em 1933, participou da fundação do Partido Socialista, e atua ativamente na militância política, convivendo com grupos anarquistas, comunistas, socialistas. Em 1935, um novo deslocamento de retina lhe tirou a visão por completo.

Em 1939, após acompanhar algumas disciplinas como ouvinte, ingressou no curso de Ciências Sociais na USP onde, em 1951, passou a se dedicar à carreira universitária como professor e sociólogo. Realizou estudos sobre política, história do proletariado, comportamento eleitoral, relações entre trabalhadores e estado, entre outros. Permaneceu trabalhando e pesquisando na FFLCH, até se aposentar em 1982. Faleceu em 1990.

## MEMÓRIA FFLCH

JOSÉ DE SOUZA MARTINS

PROFESSOR EMÉRITO DO DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA



Fiquei muito surpreso, ao ler, no Suplemento Literário do Estadão, que eu lia todos os sábados, um soneto de Bento Prado Jr. Comentei com amigos a surpresa. Eu não o sabia poeta. Ele era professor de Filosofia na mesma Faculdade de Filosofia da USP em que eu era docente em início de carreira. Nos encontrávamos no famoso e movimentado saguão da Faculdade, na Rua Maria Antonia.

Lamentei não ter guardado a poesia e já não me lembrava de exatamente quando havia sido publicada. Sabia, apenas, que era no Suplemento

Literário. Reencontrei-a agora, graças ao serviço de acesso à coleção completa do Estadão. Fora publicada no dia 3 de fevereiro de 1968. O mesmo número do jornal trazia muitas notícias da Guerra do Vietnã. O editorial ainda dizia que Gama e Silva, ministro da Justiça, catedrático da Faculdade de Direito da USP, era um liberal, garantia no poder de que as idéias liberais conteriam as tendências autoritárias dos militares. Lá pelo meio, notícias do vestibular em algumas Faculdades da USP.

Tudo parecia calmo. Nada fazia prever que alguns meses depois, desencadeada pela chamada questão dos excedentes no vestibular, a Faculdade

seria tomada, barricadas seriam levantadas na rua da escola, um secundarista seria morto nos entreveros ocorridos ali naquela mesma rua. Em 13 de dezembro, o “liberal” do Largo de São Francisco punha nas mãos dos militares o fascismo do Ato

Institucional nº 5, a censura seria imposta ao jornal, professores da USP seriam cassados, alunos desapareceriam e morreriam. A poesia tinha ficado para trás. Bento faleceria em 2007, com 70 anos de idade. Aqui vai o seu soneto, em anexo.



### *O ESTADO DE S. PAULO [SUPLEMENTO LITERÁRIO],*

3 de fevereiro de 1968, p. 3

#### **Arco-Íris**

*Bento Prado Jr.*

Se reúno novamente os membros  
deste corpo disperso e se me lembro  
do antigo verso ardido entre os escombros,  
– é no susto do susto, em meu assombro.

Se a letra recupera o seu sentido  
mais que apagado, surto de um passado,  
engolfado na treva, torto e mudo,  
– é contra o azul de um céu reacendido.

Quem grava, assim, meu fado no horizonte  
e instala, no penhasco, aquela ponte  
que a mim me liga, a mim e à minha fonte?

Que mão gentil desenha em traço ardente  
a chama dessa frase incandescente  
que de repente me une ao horizonte?

## UMA VIDA PELO CONHECIMENTO: NELLY NOVAES COELHO

POR JULIANA PENNA



No último dia 26, Nelly Novaes Coelho foi homenageada por seus ex-orientandos e colegas, em razão de seus 90 anos de idade. A professora, mestra e doutoranda da USP, que já havia completado sua nona década de vida no dia 17 do mesmo mês, foi recebida com flores e aplausos pelas cerca de 20 pessoas presentes no evento em sua homenagem que aconteceu no restaurante Terraço Paulista, no bairro da Bela Vista, em São Paulo. O

tributo em formato de almoço passou longe da formalidade e frieza dos eventos acadêmicos tradicionais. “Recebida com muitos aplausos, a querida aniversariante derramou-se em alegria e emoção”, disse a Professora Eliza Guimarães, ex-orientanda da homenageada e presente no almoço.

A professora, que criou em 1980 a primeira cadeira sobre literatura infanto-juvenil na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, iniciou sua vida acadêmica já casada e mãe de um filho. Em 1955, matriculou-se no curso de Letras, sem nunca mais deixar o mundo acadêmico. Depois de formada, passou pela UNESP de Marília, onde assumiu a disciplina de Teoria Literária.



Como ensaísta, teve seu primeiro livro publicado em 1964, *Tempo, Solidão e Morte*, em que analisa obras literárias e de poesia. Também teve ensaios e artigos literários de sua autoria publicados no jornal O Estado de S. Paulo, do qual foi colaboradora durante uma década (1961-1971).

Tendo em sua bagagem acadêmica graduação e doutorado em Letras, com ênfase em Literatura Portuguesa, pela USP, a professora conquistou mais de uma bolsa para participar de trabalhos acadêmicos e grupos de pesquisa no exterior. Merece destaque sua ida a Portugal como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian. Em terras lusitanas, concluiu uma extensa tese sobre a obra de Aquilino Ribeiro, que resultou em 1973, no livro *Jardim das Tormentas: Gênese da ficção de Aquilino Ribeiro*. Ainda em Portugal, ofereceu cursos sobre Literatura Portuguesa na Universidade de Lisboa e, alguns anos mais tarde, sobre Literatura e Cultura Brasileira em nível de pós-graduação na Universidade da Califórnia, em Los Angeles-EUA, como bolsista da Fulbright Foundation.

Após ter assumido as rédeas do estudo de Literatura Infantil na USP, Nelly Novaes Coelho deu início ao que viria a ser uma série de publicações editoriais sobre o assunto, começando por *Literatura Infantil - Teoria, análise, didática* (1981), que foi sucedido por *Crítico da Literatura Infantil/Juvenil*

(1983), *Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil* (1984) e, finalmente, *O Conto de Fadas – símbolos, mitos, arquétipos* (1987); no qual ela coloca a literatura, seu objeto de pesquisa e lazer, como “antídoto à robotização que retira o homem de sua essência e de sua atuação como ser de linguagem”.

Sua aposentadoria em 1992 não significou de maneira alguma seu afastamento da USP e da vida acadêmica. Na FFLCH, ainda ministra cursos de pós-graduação nas áreas de Literatura Portuguesa e de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Também atua como professora convidada e orientadora de estudos científicos. Nos últimos anos engajou-se nos estudos de literatura feminina e de escritoras brasileiras, interesse que deu origem a sua publicação mais recente *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras* (2002).

Não somente nove décadas de existência, mas a motivação, o trabalho e as conquistas que marcaram a vida e a existência de Nelly Novaes Coelho, culminam nas palavras talhadas na placa comemorativa presenteada à professora na ocasião de sua homenagem: “comunicadora nata, deixa por onde passa traços de simpatia e de amor ao outro. Semeadora do saber, transmite sólidas lições de cultura e de apreço aos estudos literários. Fez da sala de aula o espaço onde partilhou com os alunos os dons sublimes que lhe marcam o coração e o espírito”.

## CENTROS ACADÊMICOS

POR LUIS RICARDO BÉRGAMO



O INFORME entrevistou a Profa. Dra. Ligia Chiappini Moraes Leite, do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada de nossa Faculdade.

**I N F O R M E :**  
**Quando foi fundado o**

**CAELL? Poderia falar das necessidades sentidas pelos estudantes naquela época?**

**Ligia Chiappini Moraes Leite:** Eu não sei exatamente, porque cheguei à USP transferida da UFRGS, em janeiro de 1966, e ele já existia, pois um membro de sua diretoria, depois também professor

da FFLCH, Álvaro Cardoso Gomes, me respondeu gentilmente uma carta que eu enviara, solicitando informações sobre como fazer a transferência. Isso, ainda em 1965.

**INFORME: Foi difícil ou fácil reunir alunos para formar um Centro Acadêmico? Lembra-se de nomes que participaram dessa fundação? A direção da Faculdade foi favorável, incentivou a fundação?**

**LCML:** Reunir alunos naquela época não era difícil, pois o pessoal era muito politizado. Além do Álvaro, pertenceram às primeiras diretorias também futuros professores da casa, como Zenir Campos Reis, que foi diretor, quando eu fui vice-diretora, em 1967-68, se não me engano.

**INFORME: Ao criarem um centro acadêmico na FFLCH os alunos fundadores tinham experiência em política estudantil? O que gostaríamos de saber é se o CAELL teve algum outro centro acadêmico que serviu como modelo para a sua fundação ou então, se foi criado pelos alunos a partir do zero.**

**LCML:** Isso eu não sei bem porque não estava na sua criação, mas havia uma visão geral entre os estudantes de vários lugares sobre a importância da organização estudantil e dos órgãos de representação para a luta contra a ditadura e pela democratização interna e externa à universidade.

**INFORME: O CAELL tinha espaço próprio? Como e onde eram as suas instalações? Com que estrutura contava?**

**LCML:** O CAELL, quando eu o conheci, funcionava numa pequena sala do prédio da Maria Antonia, no subsolo. E havia um amplo salão, perto do pátio interno, onde se faziam as assembleias, com os representantes dos outros cursos da Faculdade.

**INFORME: Por favor, cite uma reivindicação que esta primeira turma do CAELL fez e que foi**

**conquistada? Por outro lado, gostaríamos de saber, qual a reivindicação que essa primeira formação do CAELL fez e que até hoje nunca foi alcançada?**

**LCML:** Não sei qual era a primeira reivindicação, porque eu não estava lá, mas na nossa turma uma batalha grande foi contra o acordo Mec-Usaid. Reivindicação mais específica, que ganhamos, foi a de não prolongar os anos do curso noturno. E essa reivindicação, levamos diretamente ao conselho do Departamento de Letras - que era um só - depois de fazer uma pesquisa, com dados atualizados sobre os estudantes/as estudantes do diurno e do noturno. Fomos bem profissionais e impressionamos, tanto que o projeto morreu ali.

Por outro lado, em 1968, o CAELL foi ativo na convocação e organização dos estudantes de Letras para participar das passeatas contra a ditadura e das reuniões das paritárias com as demais entidades estudantis e os professores. Eu participei de tudo isso grávida, escondendo a barriga sob o blusão de letras azul marinho.

Agradeço por me fazerem lembrar esse tempo, espero ter ajudado um pouco a reconstituir algo dos primórdios do CAELL.

## AS LIÇÕES DA GREVE DE 2002

RENATO SOARES BASTOS

MESTRE EM HISTÓRIA ECONÔMICA; FOI MEMBRO DA COMISSÃO TRIPARTITE DA GREVE DE 2002.

É do conhecimento de todos que a nossa universidade – desde o final do ano passado, e ao que tudo indica continuará no decorrer deste – vive um momento de crise institucional advinda do conflito entre as partes que a compõem, e que seu epicentro está localizado no seu núcleo fundador: a Faculdade de Filosofia. A crise atual se inscreve na ponta de uma cronologia de tantas outras, ora por greves, ora por ocupações, que constituem parte importante da história da universidade. Uma delas, a Greve de 2002, ganhou relevo por ter tido características e desfecho incomuns: foi liderada pelos alunos do começo ao fim e considerada vitoriosa pelos pares internos, além de um enorme reconhecimento da opinião pública. Relembrar o movimento que completou 10 anos no mês maio e retirar algumas lições se faz necessário.

O estopim do movimento se deu no curso de Letras por conta da superlotação das salas devido à falta de professores. Como o problema, em graus diferenciados, atingia toda a Faculdade, a centelha ocorreu sobre palha bastante seca, favorecendo a paralisação rápida de todos os cursos. Os gráficos apontavam que desde 1989 a Faculdade vivia um processo acentuado de aposentadorias docentes que não eram repostas pela Comissão de Claros da Reitoria, ou seja, a saída de professores era muito superior que a entrada pelos raros concursos.

Para se ter uma ideia, o curso de História no momento da greve tinha 37 professores em seu quadro e hoje, como resultado do movimento grevista, tem 61 professores ativos. A situação já fora pior e obrigava os professores a assumirem disciplinas de

áreas diferentes de sua formação para não inviabilizar a grade curricular dos alunos. Disciplinas ditas optativas eram raras e alcunhadas de “optatórias”. Pois bem, identificada essa situação, paralisadas as aulas, sensibilizado o corpo docente, os estudantes passaram a elaborar um levantamento do número de professores necessários para levar a cabo o ensino, pesquisa e extensão de cada um dos cursos.

Feito o levantamento, chegou-se a um número de reposição de 259 docentes, bem superior aos 115 pedidos pelo Conselho Técnico-administrativo e aprovado pela Congregação. Com o documento em mãos, muito bem elaborado e embasado, os estudantes mantiveram 108 dias de greve com muita mobilização, irreverência e inteligência. Vários foram os instrumentos de pressão: de aulas públicas e ato de notáveis a abordagem do Governador Alckmin, e até uma canoagem solitária no rio Pinheiros. Ganharam-se o debate na opinião pública e na comunidade universitária. Ninguém dizia que a demanda dos estudantes não era legítima.

Várias também foram as fases de negociação abertas depois do ato dos notáveis, grupo de professores renomados: uma comissão de 11 estudantes, de seis e, finalmente, a comissão tripartite de negociação, que envolvia a Reitoria, a direção da FFLCH e os estudantes. O documento final dessa última comissão acordou a entrega imediata de 92 claros docentes, a reposição imediata de cada nova aposentadoria e a concessão de novos claros, mediante novos estudos, o que ficou conhecido como o famoso ponto 4 da negociação. Estes termos foram cumpridos até a gestão Rodas, que reviu a reposição das aposentadorias. De 2002 a 2010 foram 240 concursos realizados na Faculdade. Com a aposentadoria de 87 docentes no mesmo período, temos um saldo positivo de 153 professores.

Como membro da Comissão Tripartite, e de todas as fases de negociação, pude vivenciar intensamente o movimento e retirar algumas lições:

- a) a defesa da universidade - a greve de 2002 manteve a tradição da defesa da instituição e de seu caráter público, almejando sempre qualidade e democracia;
- b) a defesa das humanidades e da unidade da FFLCH – o descaso com a Faculdade era visto como fruto de seu distanciamento do mercado e

a sua intensa formulação de pensamento crítico, por isso defender a sua sobrevivência era se contrapor a um modelo neoliberal de universidade e resgatar o papel das humanidades no interior da mesma. Para tanto, era necessário também combater o fantasma interno da divisão em três grandes institutos, que sempre aparece em cada crise;

- c) o programa defendido – a causa dos estudantes, mais professores para se ter aulas, não era somente justa como bem embasada. A formulação do documento foi fundamental para refutar qualquer tentativa de desqualificação do movimento; e por fim,
- d) a prática da negociação – o movimento manteve sempre abertos os canais de negociação e até forçou, junto ao governador, a sua reabertura. Por isso, obteve uma vitória histórica que, se não correspondeu por completo a todas as demandas do movimento grevista, elevou a FFLCH a um novo patamar. A Comissão Tripartite e a Assembleia dos alunos entenderam que a negociação implica em conquistar e em ceder. Assim, houve grupos políticos consequentes que avaliaram que a greve tinha chegado ao seu limite e que o documento gerado pela Comissão Tripartite era um ganho, uma vitória.

A palavra “crise”, usada para conceituar o momento passado e o atual, não é necessariamente negativa. Crises institucionais são naturais e decorrem de ajustes próprios de qualquer instituição. Mais que isso, demonstram que elas estão vivas. Contudo, o desfecho de uma crise, a depender do jogo de forças, pode favorecer uma melhoria da instituição ou o seu recrudescimento. Espero que como em 2002, e em outros momentos, a comunidade universitária consiga aglutinar forças em torno de um programa mínimo e exequível para forçar, com radicalidade e, sobretudo, consequência, a direção universitária a abrir uma negociação para a alteração da estrutura de poder, já arcaica, da Universidade de São Paulo.

2002 é o exemplo desse radicalismo com consequência política e eivado de orgulho da Faculdade de Filosofia e de sermos alunos dessa Faculdade. Na cena atual, o tema da democracia é a espinha dorsal que sustenta todos os acontecimentos: preci-

samos discutir este tema na universidade, abrir canais de diálogo, proteger a Faculdade sempre ameaçada, e com ela as humanidades, e só conse-

guiremos isso com um movimento consequente, radical sim, mas consequente, que empunhe fortemente a bandeira da democracia e do diálogo.

## PREMIAÇÃO

### PROFESSORAS DA FFLCH RECEBEM HOMENAGEM PELO DIA DA MULHER

POR PAULO ROBERTO ANDRADE



*As professoras Rosa Ester Rossini, Sandra Nitrini e Maria Arminda são homenageadas com medalhas perdidas por 57 anos*

No último dia 21 de março, para celebrar o Dia Internacional da Mulher, sete mulheres foram homenageadas com medalhas raras que ficaram perdidas por 57 anos. O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) realizou cerimônia para entrega da *Medalha Imperatriz Leopoldina*, que contemplou seis professoras da USP entre as escolhidas. As professoras Maria Arminda do Nascimento Arruda, Rosa Ester Rossini e Sandra Margarida Nitrini foram as homenageadas da FFLCH.

A medalha foi instituída, pelo IHGSP, durante as festividades dos 400 anos da cidade de São Paulo, em 1954. O intuito era comemorar a transferência dos restos mortais da Imperatriz Leopoldina, primeira esposa de D. Pedro I, da então capital da república,

Rio de Janeiro, para o Panteão, situado no Monumento da Independência, no Museu do Ipiranga, em São Paulo. Na ocasião, a medalha, de iniciativa do IHGSP, foi declarada de caráter cultural pelo governo brasileiro mediante decreto ministerial assinado pelo então ministro Cândido Mota Filho.

Segundo a professora Nelly Martins Ferreira Candeias, presidente do IHGSP, “as medalhas estavam trancadas num cofre que permaneceu fechado desde 1954, cujo número se perdeu. Em 2011, encontrou-se um papel, amarelado pelo tempo, contendo apenas números. Verificou-se serem esses os números do cofre que permaneceu fechado por longo período. Ao encontrarmos as medalhas Imperatriz Leopoldina, eu, como primeira mulher a presidir o IHGSP, achei interessante atribuí-las apenas às mulheres no Dia Internacional da Mulher”, conta.

### A ESCOLHA DOS HOMENAGEADOS

A professora Nelly explica que no IHGSP existe um Conselho de Medalhas, constituído por membros do próprio instituto, que examina os currículos e homenageia personalidades civis e militares, nacionais e estrangeiras, por méritos e serviços prestados à sociedade. “Os currículos dos candidatos são examinados inicialmente pelo Conselho do IHGSP e, em seguida, enviados para o Conselho de Honrarias e Mérito do Governo do Estado de São Paulo, onde são novamente apreciados. Se as propostas forem aceitas, o diploma receberá um carimbo que autoriza a entrega da medalha”, destaca a professora.

O IHGSP tem em seu quadro social 18 professo-

res de 8 unidades da USP, e é presidido, desde 2002, pela professora Nelly Candeias, socióloga e professora titular aposentada pela Faculdade de Saúde Pública da USP. Faz parte do quadro de membros da entidade o atual reitor da USP, Prof. Dr. João Grandino Rodas.

Também receberam a medalha Cecília Helena Lorenzini de Salles Oliveira, professora e ex-diretora do Museu Paulista da USP, Sandra Josefina Ferraz Ellero Grisi, professora da Faculdade de Medicina da USP, Telma Maria Tenorio Zorn, professora do Instituto de Ciências Biomédicas da USP, e Maria Odete Duque Bertasi, presidente do Instituto dos Advogados de São Paulo e do Colégio de Presidentes dos Institutos dos Advogados sediados no Brasil.

## ANA FANI ALESSANDRI CARLOS GANHA PRÊMIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA 2012

POR JULIANA PENNA



No ano de 2012, o Prêmio Internacional de Geocrítica selecionou entre seus ganhadores uma pesquisadora brasileira. No auge dos seus 40 anos de USP, a professora Ana Fani Alessandri Carlos há 30 é professora do Departamento de Geografia

da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, e não se esquece de enaltecer o trabalho em equipe ao lembrar-se de sua vitória individual “Todo o trabalho acadêmico é sempre coletivo (...) e estar no Departamento de Geografia da FFLCH faz toda a diferença”.

O projeto que a levou para a cerimônia de premiação na capital catalã é um dos mais respeitados do mundo quando se trata da maior metrópole brasileira. Com a premissa de desvendar a construção do espaço urbano em São Paulo, trouxe contribuições imprescindíveis para o pensamento urbano global. Em sua pesquisa ela observa o quão intrínseca está, na composição da metrópole e em sua dinâmica urbana e social, a confluência de interesses do capital financeiro e das instituições governamentais

em otimizar a cidade para a realização do lucro. Ou seja, estão impressas na geografia da cidade, no seu mapeamento, estrutura e vida cotidiana da população; a desigualdade, alienação e a exploração presentes na sociedade que a compõe.

“O habitante que mora na cidade de São Paulo, percebe essa cidade através dos atos da vida cotidiana a que ele está submetido. Os momentos do trabalho, os momentos do lazer, os momentos no transporte coletivo. O fato de se perder muito tempo no transporte coletivo se refere ao fato de a cidade, a metrópole; que se produz separando cada vez mais os lugares de trabalho dos lugares de moradia, uma metrópole que se produziu através de modelos automobilísticos que privilegiaram o transporte individual em detrimento do coletivo, de uma cidade onde o mercado imobiliário transforma todos os espaços em mercadoria; a moradia passa a ter cada vez mais uma função diluída, então o habitante da cidade de São Paulo vai, no dia a dia dele, se deparando com uma cidade que se produz com uma exterioridade em relação a ele. Com políticas que não lhe dizem respeito. Com espaços cada vez mais deteriorados, com o tempo de circulação e de mobi-

lidade cada vez mais longo. Então ele se depara com uma cidade que se constitui com processos econômicos voltados à reprodução deles mesmos e à realização dos lucros; de políticas urbanas cada vez mais produzidas em alianças com o empresariado e de cidadãos que se veem cada vez mais apartados dessas decisões, vivendo uma cidade em deterioração. É nesse sentido que a gente percebe que os conflitos tendem a surgir em todos os lugares da cidade, exatamente porque o indivíduo se depara cada vez mais com espaços deteriorados e cada vez mais vazios. A cidade se esvazia nos seus conteúdos fundamentais e se afasta de sua função, que é a realização da vida. Então eu acredito que o habitante dessa gigantesca metrópole, vive concretamente os conflitos que vêm dessa estruturação econômica e das alianças políticas, entre os empresários e os governantes. O que eu pesquiso traz uma explicação dessa cidade e dessa vida cotidiana que nós levamos nessa cidade. E na vida cotidiana tudo isso é bem visível”. Dessa forma, a professora admite a percepção concreta e visível dos processos socioeconômicos através da geografia da metrópole, concluindo enfim a cidade como “obra do homem”, como ela mesma refere.

E se o fenômeno de afastamento e alienação da população mais pobre, mencionado pela professora em sua pesquisa e em seu depoimento, é notório para o mundo leigo e acadêmico, são poucos os pesquisadores que os esclarecem dentro do contexto atual, contextualizando com eventos recentes de forma tão concreta e identificável. Os conflitos referidos acima, que hoje observamos nas metrópoles globais mundo afora ocorrem como consequência a essa dinâmica urbana segregacionista denunciada por Ana Fani. “Esse fenômeno é um pouco recente e isso está gerando um conjunto de movimentos sociais na cidade que não aparecem na mídia, mas que estão postos. Existem vários movimentos contrários a essas soluções e existem muitas insurgências na metrópole, que apesar de tudo, ainda mantém chamadas vivas. Ainda tem festa na rua, ainda têm reuniões. Essas coisas vão acontecendo. Então para o futuro é, eu imagino positivamente e sendo bastante otimista, que esses movimentos da população, contrários a esse modo de planejar a metrópole que esvaziam os espaços públicos e permitem a deterioração das relações sociais, vão ter cada vez mais força e se não conseguem mudar, pelo menos denunciam esse planejamento autofágico da cidade que

destrói as formas urbanas antes delas terem ‘merecido’ e vão acabar fazendo com que cada vez mais vezes se levantem contra esse tipo de atitude. Da consciência de que essas transformações são negativas pra sociedade e de que são contraditórias. O que eu vejo é que os conflitos vão se exacerbar. E vão pressionar o Estado, evidentemente”.

Em longo prazo, a professora também analisa outro fenômeno que, segundo ela, já acomete as populações de metrópoles no mundo todo: “perda de memória urbana”. Ela explica “Na medida em que, eu construo mais estradas, mais viadutos, amplio cada vez mais as avenidas, isso se faz com a deterioração dos bairros. As operações urbanas destroem os casarios, destroem as ruas, mudam completamente a fisionomia dos bairros, e transformam esses bairros em outra coisa. Nesse sentido, eles destroem o tempo acumulado da história presente nos bairros, tanto na estrutura arquitetônica quanto nas formas de vida. Então hoje em dia se você alargar uma rua e transformá-la em avenida, você muda o modo como as pessoas vão viver nesse lugar, porque o ‘tempo’ dessa rua vai ser diferente, as crianças não vão brincar mais na rua porque ela se torna perigosa, cria uma cicatriz no bairro, separa uma parte do bairro no outro. Então o que vai acontecer é que as pessoas vão ficar cada vez mais trancadas dentro de casa porque o espaço público é cada vez mais inóspito. Se torna o espaço do automóvel, o espaço da violência, o espaço da pressa e cada vez menos o espaço da vida. As pessoas, então, tendem a viver mais dentro de casa, tendem a ignorar cada vez mais o outro, o indivíduo que é seu vizinho e as relações de vizinhança tendem a se esvaziar. A vida na metrópole se transforma radicalmente. Esse processo de transformação acaba atenuando os elementos constitutivos da identidade porque a constituição da identidade na cidade é prática. É nas relações com o outro, nas relações com os espaços, com os lugares da cidade que a minha identidade como indivíduo se constitui como uma identidade coletiva como uma história que não é uma história individual, mas sim, uma história coletiva. Então na medida em que esses espaços estão cada vez mais esvaziados, essas relações de identidade tendem a se atenuar e é a identidade que sustenta a memória. E esses indivíduos tendem a estar cada vez mais presos à televisão, passam de uma atitude ativa para uma atitude de espectador. Antes se jogava futebol na rua, agora eu assisto

futebol na televisão; antes se saía na rua, se brincava na rua, hoje as crianças ficam na frente dos computadores, diante dos smartphones. Então os objetos mudam, as brincadeiras e as relações na cidade também mudam como decorrência das mudanças na própria cidade. A identidade tende a se atenuar na cidade porque as relações se esvaziam e o cotidiano se empobrece”.

“Podemos citar Paris, Londres, Barcelona, aqui ao lado Buenos Aires; em todas essas cidades, em todas essas metrópoles estão ocorrendo operações urbanas violentas e essas operações urbanas estão mudando a cara da cidade. No mundo do capital financeiro, que é o que nós estamos vivendo hoje, o setor imobiliário passa a ter um papel importante, o espaço passa a ter um papel importante nesses processos de realização do lucro, e as transformações das metrópoles vão na mesma direção de tornar essas cidades viáveis ao lucro. Em todas as cidades os processos urbanos caminham na mesma direção, operações urbanas que destroem as áreas consideradas deterioradas. Mas o que é considerado deteriora-

do? Deteriorado é o pobre. Eles higienizam a cidade, tiram o pobre, que são as populações não compatíveis com a mudança, geram um processo de valorização dessas áreas, deixam a cidade bonita. Criam uma estética urbana que é a estética da segregação. Em todas elas nós temos os mesmos processos. Evidentemente, em cada metrópole, nós temos fenômenos históricos que fazem com que se realizem de formas diferenciadas, mas esse é um processo mundial. É um processo em que o capital financeiro se realiza agora através do espaço urbano.

O processo rápido de urbanização na cidade São Paulo, produto de um processo de industrialização tardio, gerou periferias nos enormes anos 70 e 80 e quase destituídas de vida, empobrecidas, decorrentes da alta exploração da força de trabalho industrial. Essa velocidade gerou desigualdades profundas. O fato de sermos um país periférico, que gerou uma industrialização tardia com altas taxas de exploração da força de trabalho, torna os problemas sociais da cidade de São Paulo muito mais gritantes que outras, mas os processos são os mesmos”.

## EVENTOS

### USP DISCUTE A CONFERÊNCIA RIO + 20

POR LUIS RICARDO BÉRGAMO



O Grupo de Pesquisa em Ciências Ambientais do Instituto de Estudos Avançados (IEA) lançou no dia 25 de abril o livro *Governança da ordem ambiental internacional e inclusão social*, com organização do professor do Departamento de Geografia, Dr. Wagner Costa Ribeiro. O livro, que conta com trabalhos de vários professores da USP, está dividido em duas

partes: a primeira discute a ordem ambiental internacional e a segunda, formas de inclusão social por meio

da economia verde. A ocasião também marcou o lançamento do site especial da USP para a conferência Rio + 20.

A abertura do evento foi feita pelo Dr. Ildo Sauer, que é professor do Programa Interunidades de Pós-Graduação em Energia da Universidade de São Paulo (PIPGE/USP). Em sua fala de abertura, o professor Sauer rememorou o primeiro encontro sobre ecologia, acontecido no Rio de Janeiro em 1992 e colocou as suas expectativas para o novo encontro, a Rio + 20. Também ressaltou que nesse espaço de 20 anos, a USP conseguiu produzir e lançar as bases dos novos desafios para o futuro.

Em seguida, o Prof. Dr. Martin Grossmann, do Instituto de Estudos Avançados (IEA), em sua fala,

mostrou a evolução dos estudos na área ambiental, que envolveu não só a interdisciplinaridade, mas foi além, indo para as iniciativas interunidades.

Após os discursos iniciais, houve a formação de uma mesa redonda, com o tema Governança e Inclusão Social: desafios centrais da Rio + 20. Pesquisadores associados ao IEA expuseram trabalhos em conformidade com o tema proposto.

#### PORTAL

O prof. Dr. Vahan Agopyan, pró-reitor de Pós-Graduação da USP e membro do Conselho Superior da FAPESP, comentou sobre a satisfação da universidade pelo envolvimento com os temas ambientais. Ressaltou a importância de se mostrar à sociedade que a USP possui vários grupos de estudo, propondo soluções para a sustentabilidade. Para isso, a uni-

versidade lançou o site *USP Rio +20: contribuição da USP à Conferência das Nações Unidas*. O objetivo é reunir em uma só página da internet os trabalhos acadêmicos sobre os temas da sustentabilidade.

O endereço do site é <http://citrus.uspnet.usp.br/usprio+20> e nele é possível encontrar tesas, dissertações e Dossiê sobre a conferência.

#### RIO + 20: 13 A 22 DE JUNHO DE 2012

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2007, sugeriu à Organização das Nações Unidas (ONU) que se fizesse no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, que é a Rio +20. O evento tem esse nome para marcar os 20 anos sobrevividos de outro encontro, que discutiu temas relativos à preservação ambiental, a Eco92.

## CÁTEDRA DE ESTUDOS IRLANDESES ABRE ATIVIDADES ACADÊMICAS COM EXPOSIÇÃO

POR LUIS RICARDO BÉRGAMO





A *Cátedra de Estudos Irlandeses W. B. Yeats* recebeu alunos, pesquisadores, escritores e autoridades no dia 12 de abril, para o início das atividades acadêmicas de 2012. O evento ocorreu em dois momentos. Pela manhã, no Auditório de História, com a presença do Exmo. Senhor Embaixador da Irlanda, Frank Sheridan, das palestrantes convidadas, professoras Maureen Murphy (Hofstra University, New York) e Viviana Bosi (Departamento de Teoria Literária); e depois, na Biblioteca Florestan Fernandes – FFLCH, para a abertura da exposição *A Vida e Obras de W. B. Yeats*, que conta com painéis sobre o poeta irlandês e pode ser visitada no saguão da Biblioteca.

Durante a cerimônia, em que estava também presente a Profa. Dra. Maria Augusta da Costa Vieira, Chefe do Departamento de Letras Modernas, a diretora da biblioteca, Sra. Maria Aparecida Laet ressaltou a importância de receber exposições culturais como aquela, iniciativa que torna a biblioteca um espaço que vai além das atividades acadêmicas de pesquisa e estudo. Dessa forma, trazendo a literatura da Irlanda, estabelecem-se intercâmbios culturais que enriquecem os alunos e todos os que frequentam a biblioteca.

No auditório de História, compuseram a mesa de abertura, o Sr. Embaixador Frank Sheridan, a Profa. Dra. Munira Mutran, diretora convidada da Cátedra e pioneira nos estudos irlandeses no Brasil, a Sra. Maria Aparecida Laet, Diretora da Biblioteca Florestan Fernandes e a Profa. Dra. Laura P.Z. Izarra, coordenadora da Cátedra.

Em seu discurso, o Exmo. Sr. Embaixador da Irlanda destacou a importância da Profa. Dra. Maureen Murphy para a divulgação dos estudos irlandeses nos Estados Unidos e no mundo e referiu-se à carreira acadêmica da professora Dra. Viviana Bosi, que viria a enriquecer o diálogo literário entre a Irlanda e o Brasil. As professoras convidadas discursaram sobre o tema central deste ano, Mito e Poesia. Após as respectivas palestras, “Yeats, Myth and Modern Irish Poetry” e “O nome da rosa: mito e poesia”, os convidados puderam ouvir o Grupo Azul do Coral da USP, sob a regência do diretor Andrés Juarez que recebeu a comitiva do embaixador da Irlanda e os presentes com música popular brasileira.

As publicações da Cátedra foram expostas durante o evento e aproveitou-se a oportunidade para lançar o segundo volume da série *Da Irlanda para o Brasil: A peça irlandesa no teatro londrino*, de

Peter James Harris, resultado do Projeto Temático da FAPESP, intitulado “Da Irlanda para o Brasil: textos críticos”.

#### DEPOIMENTO

LAURA PATRICIA ZUNTINI DE IZARRA

PROFESSORA DO DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

A Cátedra de Estudos Irlandeses foi fundada com o apoio do governo da Irlanda por meio de um convênio assinado entre a Embaixada da Irlanda em Brasil e a Reitoria da USP, em setembro de 2009. A Aula Inaugural foi proferida em 29 de março de 2010 com os Professores Eméritos Terence Brown, de Trinity College Dublin, e Alfredo Bosi, da USP, questionando se a poesia é ainda necessária.

A Cátedra recebe também o apoio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e interage de forma interdisciplinar com vários campos do saber da universidade. No seu terceiro ano de atividades nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, vem recebendo vários professores, críticos literários, historiadores e escritores renomados da Irlanda e do Brasil para ministrar cursos e palestras, além de realizar exposições, seminários e publicações, incluindo o livro *Lectures*, contendo as palestras de cada ano.

O tema de abertura das atividades deste ano, Mito e Poesia, é tema central na obra de Yeats. Mathew Arnold atribuía aos celtas a melancolia dos ingleses e sua inclinação pelo mágico da natureza; Yeats, no entanto, preferia dizer no seu ensaio “The Celt Element in Literature” (1897) que as artes estavam fundadas na vida além do mundo material até se tornarem uma visão, e se o excesso é o espírito vivo das artes, a cultura celta podia, a qualquer momento, criar novos mitos e gerar “o espírito vivo do excesso em todas as artes da Europa”. Segundo ele, o movimento cultural celta abria essa nova fonte de vida e cada nova fonte de lendas e mitos seria uma forma de “intoxicação” para a imaginação do mundo, trazendo ao novo século seus símbolos mais memoráveis.

O mágico está na base de toda visão de verdade, nas profundezas da mente. As três doutrinas fundadoras do pensamento de Yeats convergem na ideia de que tanto as fronteiras de nossa mente quanto as de nossas memórias revelam uma mente única e uma memória de maior grandeza – a da própria Natureza; e essa energia mental e essa memória maior são evocadas pelos símbolos.

A poesia é a linguagem maior que cria esses símbolos e os transforma em conhecimento; ela os contém na complexidade de seu ritmo, da forma, das emoções e das ideias que expressam o mistério da realidade. As professoras convidadas para a abertura das atividades de 2012, Profa. Dra. Maureen Murphy, de Hofstra University, New York, e Profa. Dra. Viviana Bosi, do Departamento de Teoria Lite-

rária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, desenvolveram esse tema e nos inspiraram com a análise desse “excesso que intoxica a imaginação” tanto na poesia irlandesa quanto na poesia brasileira. Agradecemos imensamente a participação das professoras que abrilhantaram a abertura de mais um ano de atividades da Cátedra W.B. Yeats!

#### ATIVIDADES 2012

Neste primeiro semestre são oferecidos dois cursos: um de extensão cultural sobre o teatro de Brian Friel, ministrado por Domingos Nunes, diretor de teatro e Doutor em Literatura Irlandesa; e outro de pós-graduação sobre o conto irlandês contemporâneo, ministrado pela Profa. Dra. Laura Izarra (DLM) dentro do Programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês. No segundo semestre haverá na USP seminários com professores estrangeiros convidados para o VII Simpósio de Estudos Irlandeses na América do Sul promovido pela ABEI (Associação Brasileira de Estudos Irlandeses), o qual será sediado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal, na última semana de agosto. A Cátedra conta com a participação das monitoras Laís Sartori, Erica Coutinho e Andresa Medeiros, alunas do curso de Graduação de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês que auxiliam na organização das atividades e de seu acervo.

## I SEMINÁRIO ARQUIVO VIRTUAL HISTÓRIAS MIGRANTES: UM MOSAICO DA NACIONALIDADE E MÚLTIPLAS CULTURAS

MARIA LUIZA TUCCI CARNEIRO

PROFESSORA DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

COORDENADORA DO LEER

COM REPORTAGEM DE LUIS RICARDO BÉRGAMO

No último dia 12 de abril, o Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação (LEER), do Departamento de História da FFLCH, realizou no auditório da Casa de Cultura Japonesa, na Cidade Universitária, o *Seminário Interdisciplinar Histórias Migrantes: Um Mosaico de Nacionalidades*, coordenado pelo Dr. Sedi Hirano, Professor Titular do Departamento de Sociologia da FFLCH. Este evento marca o início da divulgação dos resultados conquistados pela equipe de pesquisadores do projeto financiado pela Fapesp que tem como objetivo a construção do *Arquivo Virtual Histórias Migrantes*. Iniciado em 2010, este projeto envolve hoje cerca de 26 pesquisadores com estudos inéditos sobre o fenômeno das migrações e que têm contribuído para avaliarmos, numa dimensão maior, alguns dos temas modulares que colocam em questão os direitos individuais e coletivos no mundo atual.

O projeto de um arquivo virtual dedicado a divulgar as trajetórias dos imigrantes radicados no Brasil tem como alvo subsidiar a luta pela dignidade humana e pela construção de um mundo mais justo, mais próspero, mais humano e com respeito ao estrangeiro, em particular, deveres de todo cidadão. A partir destes objetivos e do *corpus* documental doado pelos pesquisadores do *Arquivo Virtual História Migrantes* - que está sendo inventariado pela equipe técnica de bolsistas FAPESP e FFLCH - pretende-se produzir e divulgar fontes sobre o tema, atendendo aos mais diferentes públicos: desde o imigrante até o pesquisador das mais diferentes áreas do conhecimento. Através desta estratégia aspiramos contribuir para a valorização do ‘outro’ e combater o racismo em suas múltiplas facetas. Diante da proliferação da xenofobia nos dias atuais e do crescimento de grupos de extrema-direita em vários países da Europa, da América

do Norte, da América Latina, incluindo o Brasil, se torna imprescindível a projeção de políticas públicas formadoras de opinião e atitudes afirmativas que cultivem a solidariedade em prol dos direitos humanos e da cidadania plena em termos universais.

Reiterando as nossas intenções procuramos inventariar e analisar de forma integrada e com uma abordagem multidisciplinar as migrações históricas e as migrações contemporâneas, desde o século XIX até hoje, visando o aprofundamento das questões relativas à identidade nacional e às identidades singulares. Procuramos concentrar o foco das nossas pesquisas nas redes sociais através das quais os migrantes se organizam enquanto comunidade: correspondência pessoal, impressa, comunitária e de grupos étnicos, cartões postais com narrativas de viagens, diários e livros de memórias, etc. Com relação ao discurso oficial estamos inventariando documentos diplomáticos que expressam as políticas para concessão de vistos, relatórios políticos, processos de naturalização e as fichas consulares de imigração, fundos documentais sob a guarda do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Arquivo Histórico do Itamaraty e Arquivo Público do Estado de São Paulo, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, além de dezenas de arquivos pessoais doados pelos pesquisadores do projeto.

O projeto *Arquivo Virtual Histórias Migrantes* expressa os objetivos do LEER que, criado em março de 2006, vem desenvolvendo pesquisas de natureza institucional e outras atividades de extensão à comunidade. Através de suas atividades de pesquisa e ensino, este laboratório se mantém enquanto um fórum permanente de debates e de produção de conhecimentos direcionados para quatro linhas de pesquisa: *etnicidade, racismo, discriminação e iconografia*. Tem como meta conhecer, compreender e problematizar as identidades étnicas e as suas interfaces no âmbito das políticas culturais e dos direitos humanos. Migrações, mídias nativas, racismo, as doenças e os medos sociais, educação e violência, exclusão social e política, imagem e imaginário, configuram o rol de temas abordados sob o viés das Ciências Humanas.

Os objetivos do LEER, sob a minha coordenação, são:

1. Congregar professores, pesquisadores e estudantes desta e de outras universidades para o desenvolvimento de pesquisas multidisciplinares, de

atividades acadêmicas e ações educativas;

2. Propiciar o reconhecimento, a formalização e a divulgação dos estudos e das atividades anteriormente mencionadas;
3. Promover a colaboração e o diálogo com outras instituições e grupos de pesquisa em áreas afins, desta ou de outras universidades brasileiras e estrangeiras;
4. Proporcionar aos alunos de graduação e de pós-graduação um espaço de interlocução acadêmica sobre as linhas de pesquisa mencionadas no Parágrafo Primeiro deste artigo;
5. Desenvolver laços de cooperação acadêmica por meio de convênios e outras formas de intercâmbio com instituições de pesquisa e ensino, nacionais e internacionais, formalizando parcerias para o desenvolvimento de projetos de pesquisa e ações educativas.

Com ampla produção, o LEER mantém um conjunto de publicações que expressam suas intenções e produtividade. Dentre estas coletâneas cumpre citar: *Histórias das Imigrações* (Edusp), *Histórias da Repressão e da Resistência* (Humanitas), *Testemunhos* (Humanitas), *Labirintos da Memória* (Ateliê), dentre outros títulos avulsos resultados de teses e dissertações apresentadas pelos pesquisadores do LEER.

No dia 28 de maio, a linha de pesquisa *Iconografia*, coordenada pelo Dr. Boris Kossoy, professor titular da ECA/USP - através do Núcleo de Estudos Interdisciplinares de Imagem e Memória (NEIIM, sob a sua coordenação junto ao LEER, realizou seu primeiro seminário interno dedicado ao tema *Fotografia, Conhecimento e Memória*. O evento teve lugar no Auditório Multimídia da Casa de Cultura Japonesa, com o objetivo de pensar a fotografia em suas múltiplas dimensões: poética, histórica, artística, patrimônio, assim como seus usos e aplicações. Importante ressaltar que este núcleo, assim como os demais, formam uma rede de informações cuja trama contribui para reavaliarmos nossa realidade podendo assim, interferir para a construção de uma Cultura de Paz. Acreditamos que, desta forma, estaremos somando forças para que a Universidade de São Paulo cumpra o seu papel institucional dedicado à valorização dos direitos humanos e de preservação da nossa memória.

## ENCONTRO DE CENTROS DA FFLCH VISA MAIOR CONTATO E DIVULGAÇÃO DE PESQUISAS DA FACULDADE

POR PAULO ROBERTO ANDRADE

Aconteceu nos dias 16 e 17 de maio, no prédio de História e Geografia da FFLCH, um encontro entre os representantes dos centros de pesquisa departamentais e interdepartamentais da Faculdade. O objetivo foi possibilitar o maior conhecimento entre os participantes para, no futuro, os centros estabelecerem mais contatos entre si e definir possíveis parcerias e ações conjuntas.

Para compor a Comissão Organizadora do evento, a professora e diretora da FFLCH Dra. Sandra Margarida Nitrini designou a professora Márcia Regina Barros Silva, do Departamento de História, como coordenadora; além dos professores Tinka Reichmann, do Departamento de Letras Modernas, e Mário Antonio Eufrasio, do Departamento de Sociologia, ambos como membros.

Diversas questões foram apresentadas e debatidas pelos representantes de cada centro. Entre os principais temas estavam:

- a busca por aglutinar pesquisadores e estudantes em atividades de pesquisa e extensão;
- os esforços para encontrar fontes alternativas de financiamento;
- a participação de novos docentes em pesquisas de Centros já consolidados;
- a falta de conhecimento sobre as muitas ativida-

des de extensão, principalmente para o ensino não universitário (portanto, em ações “extramuros”);

- necessidade de divulgação das atividades dos Centros, de maneira mais regular e mais ampla, e a possível criação de um portal para tal;
- para o portal, um novo encontro seria realizado, no segundo semestre, para tentar conhecer melhor a viabilidade do novo projeto.

Os centros presentes às duas sessões do encontro foram:

- Centro Ángel Rama;
- Centro de Apoio à Pesquisa em História;
- Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina;
- Centro de Estudos Africanos;
- Centro de Estudo das Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa;
- Centro de Estudos Japoneses;
- Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania;
- Centro de Estudos Judaicos;
- Centro de Estudos Rurais e Urbanos;
- Centro de Línguas; e
- Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia.

## ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

### RELATÓRIO DE OBRAS NOS PRÉDIOS DA FFLCH

#### ADMINISTRAÇÃO

- Substituição do piso Paviflex por manta vinílica em todo o corredor e escadarias de acesso – situação: preparação dos elementos para contratação no Serviço de Compras;
- Reformas para acessibilidade com instalação de

elevador para atendimento aos portadores de necessidades especiais - situação: preparando projeto executivo na SEF,

- Reforma geral da parte externa do prédio (escadarias, jardins e calçadas) – situação: em licitação na PUSP-C.

**BIBLIOTECA FLORESTAN FERNANDES**

- Instalação de arquivos deslizantes – situação: concluído,
- Readequação das estantes de livros para atendimento às disposições do Ministério Público quanto à acessibilidade – situação: concluída.

**LETRAS**

- Reforma geral do prédio (pintura geral, instalação de piso e forro e substituição de lousas e murais) – situação: concluído;
- Instalação de elevador para atendimento às normas de acessibilidade – situação: concluído;
- Projeto para reforma do CAELL e Laboratórios da Linguística – situação: em vistoria (dia 18/06/2012) para projeto executivo,
- Substituição da impermeabilização da laje do prédio de Letras – situação: em estudo na SEF.

**FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS**

- Substituição da zeladoria, que dará espaço ao setor

de audiovisual do prédio – situação: em projeto;

- Construção do vestiário para atendimento às necessidades dos funcionários da Seção de Manutenção – situação: em andamento.

**HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

- Reforma dos Anfiteatros de Geografia e de História – situação: em fase de acabamento,
- Reforma geral da parte elétrica, com instalação de quadros de força para ar condicionado – situação: vistoria em 01/06/2012.

**CASA DE CULTURA JAPONESA**

- Reforma geral do Anfiteatro, com substituição das poltronas – situação: em estudo.

**PRÉDIO DE PESQUISA**

- Projeto para construção do Prédio de Pesquisa FFLCH após apresentação da arquiteta Silvana – SEF – situação: encontra-se em adequações para posterior aprovação e abertura de licitação.

# FUNCIONÁRIO

## “GENTE DA USP” MOSTRA O DIA A DIA DE FUNCIONÁRIA DA FFLCH

POR PAULO ROBERTO ANDRADE

No último 18 de maio, a funcionária Ana Maria de Almeida Fernandes, da FFLCH, foi tema da seção “Gente da USP”, publicada quinzenalmente pelo USP Online. Há quase 50 anos na Universidade, “Dona Ana” cuida de pagamentos, recebimentos, depósitos e outros



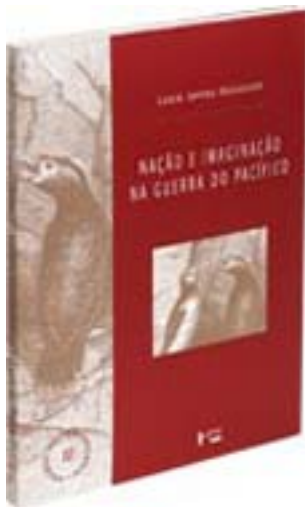
serviços bancários na tesouraria da Faculdade. “Sou tipo uma office girl, sempre fui de fazer serviço externo. Mas para mim é gratificante”, diz. Perto de se aposentar, além de terminar o curso de teologia que está fazendo e se graduar na área, Dona Ana promete sempre visitar os colegas de trabalho.

<http://www5.usp.br/10635/ha-26-anos-na-tesouraria-do-departamento-de-filosofia-dona-ana-ferve-com-seus-pitchulos/>

# PRODUÇÃO CIENTÍFICA

## NAÇÃO E IMAGINAÇÃO NA GUERRA DO PACÍFICO

LAURA JANINA HOSIASSON



Este livro fala sobre a Guerra do Pacífico (1879-1884), em que o Chile derrotou Peru e Bolívia, levou à anexação de parte do território peruano e boliviano ao chileno, provocando sentimentos controversos nas nações envolvidas que persistem até os dias de hoje. Neste livro, interessa à autora a forma como essa guerra foi trabalhada pela escrita, em suas expressões ditas menores ou secundárias: crônicas, diários de campanha, contos militares e memórias. Através desse material vasto e heterogêneo, Laura Hosiasson verifica como os diferentes tipos de discurso foram acrescentando sentidos e problematizando conceitos em redor do amplo tema do conflito de fronteiras nacionais no século XIX. A questão é como as novas nações hispano-americanas foram tecendo suas identidades e fazendo uso das leituras, escrituras e reescrituras dos fatos históricos.

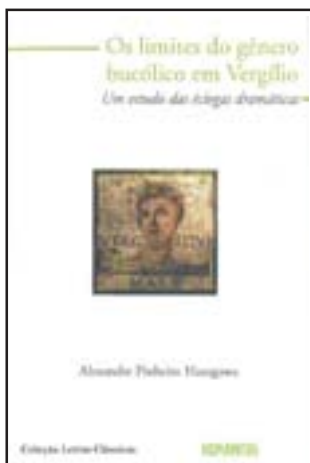
Edusp

## IMAGEM E PODER: CONSIDERAÇÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO DE OTÁVIO AUGUSTO

PAULO MARTINS

Este livro consiste numa investigação dos discursos imagéticos e textuais, construídos em torno de uma idéia de poder, e cujo intuito é justamente trazer alguma luz que propicie o esclarecimento de tais códigos, em especial daqueles destinados a compor, propagar e sustentar a aura de potência, justiça, mérito e logo, a fides política do princeps Otaviano, ou seja sua capacidade de persuasão coletiva, que levará os correligionários e concidadãos a considerá-lo único em seu tempo, a ponto de que ele, com isso, obtivesse uma atmosfera favorável à concentração do poder que caracterizará o projeto do primeiro principado efetivo, bem como ao ato que levou o Senado a proclamá-lo, estando ele ainda vivo, o primeiro Augustus – o provedor (da pátria) – em 27aC.

Edusp



## OS LIMITES DO GÊNERO BUCÓLICO EM VERGÍLIO: UM ESTUDO DAS ÉCLOGAS DRAMÁTICAS

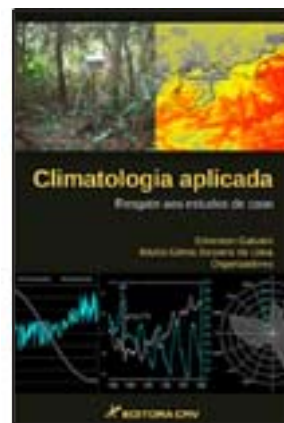
ALEXANDRE PINHEIRO HASEGAWA

Este livro se propõe a estudar as églogas dramáticas das Bucólicas de Vergílio, analisando não só os versos do poeta de Mântua, confrontando-os por vezes com versos de outros gêneros e de outros poetas bucólicos, mas também as fontes antigas que tratam do poeta latino e da bucólica, gênero inaugurado com os Idílios de Teócrito, autor grego do período helenístico. O viés deste estudo é, preferencialmente, o do gênero, um enfoque que, dentre outras vantagens, tem a de reconstruir o universo de expectativas do leitor contemporâneo à obra, fazendo-nos vislumbrar o poema em seu momento histórico, compreendendo como o texto se insere na tradição, dialeticamente jogando com as regras do código. Além disso, o livro apresenta uma leitura instigante sobre o aspecto metapoético, daquilo que o texto virgiliano parece falar de si mesmo, de seu gênero, de poesia.

Editora Humanitas

**CLIMATOLOGIA APLICADA: RESGATE AOS ESTUDOS DE CASO**  
EMERSON GALVANI E NÁDIA GILMA BESERRA DE LIMA (ORGS.)

O livro *Climatologia Aplicada: Resgate aos estudos de caso* é resultado de pesquisas realizadas junto ao Laboratório de Climatologia e Biogeografia (LCB) do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. Não são pesquisas inéditas, pois já foram publicadas e apresentadas em eventos científicos no Brasil e, algumas, no exterior. A proposta é compilar em uma única publicação, os resultados de dissertações, teses e trabalhos em conjunto que foram desenvolvidos durante os últimos nove anos neste departamento. O viés não é teórico-metodológico, embora se sirva deste na sua construção, mas sim de resultados empíricos e trabalhos produzidos, na maioria das vezes em escala de detalhe. Os catorze capítulos foram elaborados sempre com a demonstração de resultados de experimentação e vivência do(s) autor (es) junto ao seu objeto de estudo, valorizando o trabalho de campo e a produção de dados primários nas pesquisas climatológicas. Os artigos envolvem diferentes objetos de estudo, distribuídos nos mais distintos ambientes, a saber: a Região Metropolitana de São Paulo; as cidades de Piracicaba e Ourinhos, SP; as chuvas na Ilha de São Sebastião, Litoral Norte de São Paulo; o Parque Estadual de Intervales e o entorno, no Vale do Ribeira, SP; a cultura de rosas no Rio Grande do Sul, os reservatórios no Oeste Paulista, a cana-de-açúcar na microrregião de Campo Mourão, PR; o perfil topoclimático do Parque Nacional do Alto Caparaó, MG, e os manguezais do litoral Sul do Estado de São Paulo.



Editora CRV



**NOS CAMPOS DA MEMÓRIA**  
ROSANA KOZUCHOWICZ MEICHES

Este livro integra a coleção “Testemunhos” organizada pelo LEER – Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação, do Departamento de História, FFLCH-Universidade de São Paulo. O texto é uma narrativa minuciosa das memórias de Kiwa Kozuchowicz (1922), judeu polonês, que chegou ao Brasil em 1949. Enquanto sobrevivente do Holocausto, Kiwa Kozuchowicz carrega consigo uma identidade numérica: a de judeu tatuado no antebraço com o número B518. Como prisioneiro, atendia pelo número 120942, outra forma de desumanização imposta pelo Terceiro Reich, que, enquanto Estado totalitário, ampliou ao máximo o controle sobre a população polonesa, após a invasão da Polônia em 01 de setembro de 1939.

A história de vida de Kiwa tem início na pequena cidade de Pacanow, sua terra natal, onde enfrentou situações limites, até ser deportado pelos nazistas aos dezenove anos. Sobreviveu à exclusão imposta aos judeus no gueto de Radom e, depois, nos campos de trabalho e de extermínio, até escapar da Marcha da Morte, em maio de 1945. Além de informações históricas sobre os campos, o texto sobre Kiwa – cuja história foi reconstituída por sua filha Rosana Kozuchowicz Meiches – nos permite conhecer o cotidiano violento, a burocracia dos campos, a convivência com os colegas prisioneiros e oficiais alemães.

O trem enquanto transporte e a luta por um pedaço de pão são elementos condutores da narrativa. Um sabor amargo desprende-se do seu testemunho aqui valorizado enquanto um ato fundamental para o estabelecimento da verdade histórica sobre o Holocausto e o antissemitismo enquanto política do Estado alemão.

Maria Luiza Tucci Carneiro  
Professora do Departamento de História  
Coordenadora do LEER  
Editora Humanitas



### VERSÕES DE FREUD: BREVE PANORAMA CRÍTICO DAS TRADUÇÕES DE SUA OBRA

PEDRO HELIODORO TAVARES

O Brasil talvez seja o único país no qual o debate sobre as traduções da obra de Sigmund Freud pode superar inclusive o referente às traduções da Bíblia. As disputas de seus seguidores, que se arrogam cada qual a *verdadeira* leitura sobre o mestre, de fato assemelha-se a uma querela religiosa. Motivos para isso não faltam. Freud com sua obra realmente inaugura um singular espaço na intelectualidade. Tal espaço parece carecer de um novo estilo e vocabulário, que não se confundam com os previamente assentados, da Filosofia, da Medicina, da Psicologia, ou de outros domínios com os quais a Psicanálise dialoga, mesmo demarcando seus limites distintivos. Retomando-se a já gasta analogia traduttore, traditore, seus primeiros tradutores parecem ter resistido fortemente em respeitar estes limites.

No Brasil contava-se até recentemente apenas com versões indiretas da obra de Freud. Versões, essas, que sofreram as mais duras críticas ao longo das últimas décadas. Entretanto, com a entrada em 2009 de sua obra para o domínio público, vemos surgir finalmente três traduções de seus escritos feitas diretamente do texto-fonte alemão ao português. Tratam-se das traduções de Luiz Alberto Hanns (Editora Imago), Paulo César de Souza (Cia. das Letras) e Renato Zwick (L&PM). Algo tão aguardado no país gerou grande repercussão na imprensa e no meio acadêmico, porém muito pouco se fez até o momento quanto a uma análise comparativa entre essas traduções.

Em seu livro, Pedro Heliodoro Tavares, psicanalista de formação e professor na Área de Alemão da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, parte de uma revisão sobre o estilo e a terminologia de Freud no texto-fonte em alemão. Em seguida, propõe ainda uma revisão histórico-crítica quanto às mais influentes traduções para outras línguas, como o inglês, o francês e o espanhol. Afinal, eram estas as versões estrangeiras mais consultadas no Brasil até o momento. Partindo, portanto, das traduções estrangeiras, chegamos finalmente ao tema principal do livro: as atuais traduções diretas ao português. Com isso, não se buscou apontar para uma classificação valorativa. Ao invés disso, procurou-se demonstrar a que tipo de leitor esta ou aquela versão pode ser considerada a mais adequada. Tal análise foi feita através da investigação do estilo e da terminologia de cada versão, da formação e influências dos tradutores, bem como das declaradas decisões por eles tomadas.

Editora 7 Letras

### INDIVÍDUO, SOCIEDADE E LÍNGUA: CARA, TIPO ASSIM, FALA SÉRIO

MARIA CÉLIA LIMA-HERNANDES

O livro toma como mote a polêmica sociolinguística sobre a possibilidade de um indivíduo adulto mudar sua gramática ao longo da vida. Combinando uma metodologia quantitativa laboviana com uma abordagem sociofuncionalista, a pesquisadora investiga se os mesmos falantes poderiam ter sua gramática alterada num espaço de vinte anos. Palavras de base comparativa são escolhidas para testar sua hipótese de que os contatos sociais mais extensos desencadeariam mudanças na gramática da língua falada por adultos independentemente das categorias sociais tradicionais, tais como idade, sexo e grau de escolaridade. Saber que fatores ou condicionamentos permitiriam explicar essa mudança é o objetivo específico da autora. Para garantir a validade dos resultados, duas amostras de controle sincrônicas são constituídas: produções orais de pré-adolescentes e adolescentes e produções escritas formais de adolescentes. Para a referendação diacrônica, amostras com documentos históricos do século XIII ao XX são também analisadas. É um livro que permite reconhecer que a história das palavras COMO, IGUAL, FEITO e TIPO, diversa na origem, engendra uma só estratégia cognitiva.



Edusp



**GOVERNANÇA DA ORDEM AMBIENTAL INTERNACIONAL E INCLUSÃO SOCIAL**

WAGNER COSTA RIBEIRO (org.)

O livro está organizado em duas partes. Na primeira “Ordem ambiental internacional, governança e inclusão social”, estão textos que abordam a governança ambiental internacional, o papel da economia nesse contexto, os impasses da ordem ambiental internacional, como a governança ambiental institucionalizou-se no Brasil e as questões energéticas. Na segunda parte “Saúde, pobreza e mudanças climáticas”, encontram-se contribuições que discutem as relações entre a economia verde, inclusão social e saúde, formas de combate à pobreza por meio do uso do patrimônio cultural edificado, análise de políticas territoriais associadas à inclusão social, o papel dos catadores no processo de gestão dos resíduos sólidos e os avanços da ciência do clima, bem como as relações entre clima e estoques hídricos. O conjunto de textos apresentados neste livro oferece ao leitor uma ampla gama de possibilidades para assuntos centrais no mundo atual.



Editora Annablume



Editora Humanitas

**Mulheres na América e no Mundo Ibérico**

ENI DE MESQUITA SAMARA (Org.)

O livro *Mulheres na América e no Mundo Ibérico* é uma coletânea de artigos centrada no debate da história das mulheres e de relações de gênero, contando com a participação de uma série de autores que em algum momento da vida acadêmica mantiveram contato com a professora titular de História do Brasil Colonial, Eni de Mesquita Samara. A obra é também uma pequena homenagem a esta professora que exerceu dentre várias atividades o cargo de diretora do Centro de Estudos da Demografia Histórica da América Latina da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

**DA ESTEPE À CAATINGA: O ROMANCE RUSSO NO BRASIL (1887-1936)**

BRUNO BARRETTO GOMIDE

A presença de alguns escritores russos na literatura e na vida literária brasileira é analisada por Bruno Barretto Gomide neste livro. A recepção da literatura russa entre nós é estudada a partir de dois eixos: pesquisa documental da recepção crítica do romance russo e estudo da vasta bibliografia comparatista que lida com outros casos de recepção da literatura russa no Ocidente; ambos mediados pelas discussões específicas fornecidas pela crítica literária e pela historiografia da cultura brasileira. Os primeiros textos que utilizavam os romancistas russos como contraponto a questões literárias candentes no Brasil datam da segunda metade da década de 1880; já o final da década de 1930 marca um momento em que tais discussões perdem sua força e deixam de ser relevantes para a crítica. O trabalho inédito é resultado de extensa pesquisa em periódicos e livros publicados entre 1887 e 1936, e conta com um anexo que reproduz algumas fontes significativas, privilegiando as de mais difícil acesso.



Edusp

**NEM UMA LÁGRIMA: TEATRO ÉPICO EM PERSPECTIVA DIALÉTICA**

INÁ CARMAGO COSTA

*Nem uma lágrima: teatro épico em perspectiva dialética* reúne textos produzidos para intervenções em debates com coletivos teatrais de São Paulo e um roteiro em prosa de disciplina acadêmica, escritos na primeira década do século XXI.

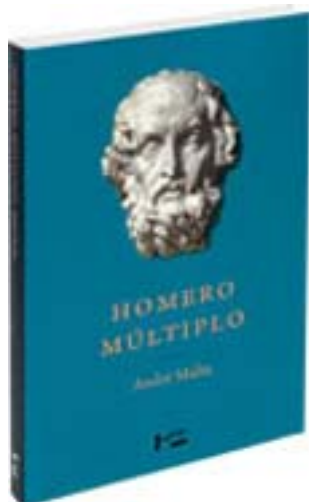
Empenhada como militante, pesquisadora e integrante do movimento paulista de teatro de grupo, a autora contempla um amplo leque de questões, em diálogo crítico com seus interlocutores: em “Teatro na luta de classes”, aborda o confronto com a “persistência do pensamento metafísico na contemporaneidade” e desconstrói minuciosamente os pressupostos de autores que costumam fazer sucesso em nossas universidades; expõe, em “Transições”, seu roteiro de curso sobre dramaturgia moderna, o confronto nas trincheiras da cena e da crítica desde o momento em que a dramaturgia começa a narrar – período que vai da crise do drama moderno ao teatro épico; demarca, em “O trabalho da direção”, a relação entre os métodos de direção de Stanislavski e Brecht como sistemas complementares, em que o distanciamento supera dialeticamente a identificação; em “Brecht e o teatro épico no Brasil”, interpreta o movimento de assimilação da influência brechtiana, pelo teatro brasileiro, como dinâmica exemplar das ideias fora do lugar, em que a chegada da dramaturgia brechtiana, já como espetáculo do universo mercantil (1958), adquire força produtiva ao ser assimilada pelo Arena e pelo CPC, e funda a principal experiência do teatro de agitprop, estética que fora criticada dialeticamente por Brecht com a proposta das peças didáticas; por fim, em “Brecht no cativo das forças produtivas”, analisa o enfrentamento do autor com o aparato econômico, jurídico, ideológico e estético da Indústria Cultural pela perspectiva do cinema.

O resultado do conjunto é a explicitação da eficácia do labor da crítica como práxis, pautado pelas providências necessárias para a continuidade do trabalho teatral na luta pela libertação das forças produtivas. Daí o rigor acadêmico, o fôlego para reorganizar a historiografia do teatro político e, sobretudo, a coesão do argumento em torno da articulação entre arte e sociedade.

Trata-se, portanto, de vigoroso conjunto de sistematizações, norteado pela concepção de dialética como espírito de contradições organizado, escrito por uma intelectual orgânica da classe trabalhadora, que anuncia como matéria central de seus estudos o Brasil, “com particular interesse em teatro”. A esfera da cultura não está sobreposta à da política e da economia, por isso o argumento se faz forte, seja ao analisar a estrutura interna de uma obra, seja ao expor ao leitor brasileiro as circunstâncias da produção do teatro político na Europa e no Brasil.

Para além do movimento do teatro de grupo de São Paulo, a obra certamente terá repercussão sobre outras trincheiras, espaços em que a autora é igualmente interlocutora, a saber: o ensino de teatro nas universidades e escolas brasileiras e a militância que atua nos coletivos de cultura dos movimentos sociais de massa do Brasil e demais países da América Latina.

Editora Expressão Popular



Edusp

**HOMERO MÚLTIPLO: ENSAIOS SOBRE A ÉPICA GREGA**

ANDRÉ MALTA

Os sete ensaios reunidos neste livro abordam diferentes elementos da épica grega, de interesse do especialista e dos estudiosos de poesia em geral. Neles são destacados não apenas problemas tradicionais – como a relação entre a poesia de Homero e de Hesíodo, e o modo como podemos interpretar hoje a Ilíada e a Odisseia –, mas também questões relativas à sua recepção por Platão, no século IV a.C., e sua tradução para o português, no século XIX e na atualidade. As abordagens vão da filologia à crítica literária, da comparação à tradução, da historiografia à hermenêutica, explorando, por um lado, como a Ilíada e a Odisseia são construções poéticas sofisticadas, coesas e coerentes, e, por outro, como admitem inúmeras leituras divergentes, segundo a época e modo como são interpretadas.

**ESCRITAS DA VIOLÊNCIA, VOLUMES 1 E 2**  
MÁRCIO SELIGMANN-SILVA, JAIME GINZBURG,  
FRANCISCO FOOT HARDMAN (Orgs.)

Os livros contam com artigos dos Profs. Drs. Helmut Galle (DLM), Ana Cecília Olmos (DLM) e Jaime Ginzburg (DLCV), que também está entre os organizadores. Apresentam resultados do Projeto Temático FAPESP Escritas da Violência, desenvolvido entre 2006 e 2010, em uma parceria entre a UNICAMP e a USP e se dedicam a diversos tópicos referentes às relações entre violência, cultura e linguagem.

O Projeto Temático foi desenvolvido com uma perspectiva interdisciplinar. A interdisciplinaridade é fundamental nos volumes, que incluem reflexões sobre artes plásticas, cinema, ética, política, psicanálise, história, literatura e filosofia da arte.

Entre os autores estão Roberto Vecchi (Università di Bologna), Ettore Finazzi-Agrò (Università di Roma), Idelber Avelar (Tulane University) e Lisa Block de Behar (Universidad de la Republica).



Editora 7 Letras



**CRÍTICA EM TEMPOS DE VIOLÊNCIA**

JAIME GINZBURG

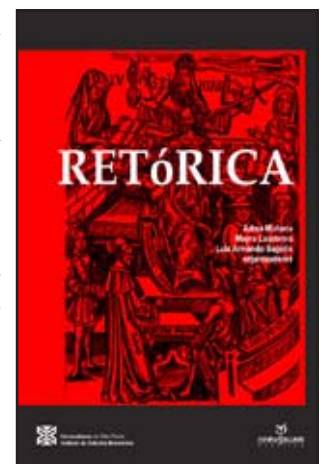
Em *Crítica em Tempos de Violência*, Jaime Ginzburg propõe contribuir com a narrativa de uma história da literatura brasileira sob a perspectiva da violência, analisando a relação entre literatura, autoritarismo e violência. O livro parte da premissa de que a sociedade brasileira foi construída com processos que incluíram episódios de genocídios, massacres, chacinas e políticas repressoras. Através de uma perspectiva teórica que combina, entre outros, Florestan Fernandes, Paulo Sérgio Pinheiro, Theodor Adorno e Wittgenstein, Ginzburg propõe a articulação das categorias autoritarismo, violência e melancolia como referenciais para sistematizar os estudos. Os ensaios tentam colaborar para a reflexão de como a intensa presença de violência em nossa história está articulada com formas, temas, modos de produção, circulação e recepção de obras literárias.

Edusp

**RETÓRICA**

ADMA MUHANA, MAYRA LAUDANNA, LUIZ ARMANDO BAGOLIN (Orgs.)

“O ofício do orador é poder discorrer sobre as coisas que o costume e as leis instituíram para o uso civil, mantendo o assentimento dos ouvintes até onde for possível”. Assim propõe o Anônimo da Retórica a Herênio, sobre o que consiste o exercício do orador, concordando com as posições de Aristóteles e de Quintiliano, que pensaram a retórica principalmente como a capacidade, pelo discurso, de descobrir os meios mais adequados ao tratamento de qualquer assunto, com vistas à persuasão. Os “Seminários de Retórica” que vêm sendo organizados no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, com a colaboração e participação de muitos professores, pesquisadores e estudantes de várias instituições de diferentes lugares, têm por objetivo constituir um lugar de reflexão sobre as diversas modalidades discursivas, não somente pelo exame da história das retóricas e de seus autores, mas também por intermédio de fóruns de discussão sobre assuntos relativos às artes, à arquitetura, às letras, à arqueologia, à filosofia, às histórias, às ciências, à educação, à política, à jurisprudência, de modo irrestrito, amparando, no âmbito da pesquisa interdisciplinar, os campos abertos pela referida disciplina. Convidamos os leitores para que com sua boa disposição e ânimo elevado partilhem dos estudos aqui reunidos, recolhidos após os dois primeiros seminários organizados pelo Instituto.



Editora Annablume

Para mais conteúdos, visite a página do Serviço de Comunicação Social:

- Estão disponíveis oito novas entrevistas com professores tratando temas pertinentes ao ensino e à USP;
- Aula Magna de 2012, ministrada pela professora Maria Ligia Coelho Prado, no dia 7 de março de 2012, no Anfiteatro de História;
- Reportagens temáticas e cobertura dos eventos realizados na FFLCH;
- Lançamentos de livros de nossos professores.

[www.comunicacao.fflch.usp.br](http://www.comunicacao.fflch.usp.br)

---

## INFORME

---

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – nº 68 maio/junho de 2012



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Serviço de Comunicação Social – SCS

Prédio da Administração – Rua do Lago, 717  
Cidade Universitária – CEP 05508-900  
São Paulo / SP  
Telefones: 3091-4612 / 4938 / 1513

